



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL

Tarsila Maria da Cruz Pereira Araújo

RA: 2026428/1

Leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade:
Os valores literários de Calvino nos textos de jornalismo cultural

BRASÍLIA

NOVEMBRO, 2006

TARSILA MARIA DA CRUZ PEREIRA ARAÚJO

Leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade:

Os valores literários de Calvino nos textos de jornalismo cultural

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro Universitário de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo, sob orientação do Prof. Esp.
Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA
NOVEMBRO,2006

Leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade:
Os valores literários de Calvino nos textos de jornalismo cultural

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro Universitário de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.

BRASÍLIA, DE NOVEMBRO DE 2006

BANCA EXAMINADORA

Professor Luiz Cláudio Ferreira

Orientador

Professor Beto Rocha

Examinador

Professor Marcelo Moura

Examinador

*Ao meu querido pai. Por todas as mamadeiras matinais de café
novo e leite morninho sem nata.*

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus irmãos por me proporcionarem várias gargalhadas. Aos parentes, agregados e amigos pela presença. À Júlia, Maria José, Sara e Francisca por cuidarem com tanto carinho do ser mais precioso de minha vida. À minha mãe pelas melhores lembranças e sonhos.

“Compreendeu que o empenho de modelar a matéria incoerente e vertiginosa de que se compõe os sonhos é o mais árduo que pode empreender um homem ainda que penetre todos os enigmas da ordem superior e da inferior: muito mais árduo que tecer uma corda de areia ou amodar o vento sem efígie.”

(Jorge Luis Borges - As ruínas circulares – In: *Ficciones*)

RESUMO

O presente trabalho trata de identificar nos textos de jornalismo cultural os cinco valores literários defendidos por Ítalo Calvino em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Esta pesquisa mostra que os valores de leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade na literatura também estão aplicados no texto jornalístico, e mais especificamente no jornalismo de arte e cultura. O estudo visa apontar onde esses elementos estão inseridos nas narrativas jornalísticas dedicadas à arte e a cultura, em seu conteúdo e forma.

Palavras-chave: Ítalo Calvino, jornalismo cultural, texto.

SUMÁRIO		
1	INTRODUÇÃO	9
2	LEVEZA	12
2.1	Escrever sem peso	13
2.2	Imagem de leveza	15
3.	RAPIDEZ	17
3.1	Prazer do ritmo	19
4.	EXATIDÃO	22
4.1	Relatar é preciso	24
5	VISIBILIDADE	28
5.1	Poder da imaginação	30
6	MULTIPLICIDADE	24
6.1	Ler e saber	25
7	CONCLUSÃO	37
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
9	ANEXOS	41

1. INTRODUÇÃO

Estamos em 1985: quinze anos nos separam do início do novo milênio. Por ora não me parece que a aproximação dessa data suscite alguma emoção particular. Em todo caso, não estou aqui para falar em futurologia, mas de literatura. O milênio que está para findar-se viu o surgimento e a expansão das línguas ocidentais modernas e as literaturas que exploraram suas possibilidades expressivas, cognoscitivas e imaginativas. Foi também o milênio do livro, na medida em que viu o objeto-livro tomar a forma que nos é familiar. O sinal talvez de que o milênio esteja para findar-se com frequência com que nos interrogamos sobre o destino da literatura na era pós-industrial. Não me sinto tentado a aventurar-me nesse tipo de previsões. Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar. Quero pois dedicar estas conferências a alguns valores ou qualidades ou especificidade da literatura que me são particularmente caros, buscando situá-los na perspectiva do novo milênio. (CALVINO, 1990)

O trecho acima faz parte do prefácio do livro *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas* do escritor italiano Ítalo Calvino. O escritor nasceu em Cuba, mas cresceu e teve sua formação acadêmica na Itália. Calvino está entre os cem melhores escritores do século passado selecionados pela Folha de São Paulo. O livro é uma obra póstuma, composto de textos de conferências que iria apresentar na Universidade de Harvard nos Estados Unidos. Ele foi convidado a apresentar a Charles Elior Norton Poetry Lectures, um ciclo de seis conferências que abrange temas de comunicação poética literária, musical e figurativa. O tema que escolheu trabalhar foi alguns valores literários que, para ele, deveriam situar na perspectiva ser preservados neste milênio. No entanto, as seis propostas de literatura resultaram em apenas cinco, pois o autor morreu antes de concluir o trabalho. Os valores para literatura defendidos na obra são a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade. Apesar de não ter sido elaborada, a sexta conferência já tinha seu tema definido, seria a consistência.

Como o futuro da literatura na era pós-industrial, citada por Calvino, muito também tem sido discutido, principalmente pelos estudantes e profissionais da comunicação, sobre o futuro do jornalismo impresso na era da internet. A notícia em tempo-real na qual a imagem é elemento fundamental tem ganhado cada vez mais espaço dentro da mídia. Como se sabe o jornalismo *online*, caracterizado pela interatividade, tem modificado o processo de produção da notícia em todos meios de comunicação, sobretudo nos jornais.

Não dá para ignorar as mudanças que o mundo da *web* trouxe para a cultura da informação. O jornalista tem um desafio pelo frente: mostrar a função social da imprensa escrita. O jornal impresso deve oferecer ao leitor não só a notícia, mas a contextualização e a repercussão dela no futuro. Não acredito que possa existir uma tecnologia tão barata e de ser transportada para todos os lugares como o papel jornal. Sem contar com o aspecto visual, de poder percorrer com os olhos toda a extensão da página de uma só vez, diferentemente da barra de rolagem.

O trabalho de jornalista só é materializado no texto. Coletar dados e fazer uma apuração detalhada é fase importante do processo de confecção da notícia. Porém o resultado só pode ser visto depois de escrito. Escrever bem é a preocupação que tenho como profissional da área de comunicação. Como escrever uma matéria de modo que o leitor possa sentir prazer com a leitura? Depois de ler as propostas de Calvino e ter pensando nos valores da literatura, trouxe a reflexão para o jornalismo impresso.

Neste trabalho observarei quanto da proposta de escrita de Ítalo Calvino está aplicada nos textos da editoria de cultura de um jornal diário. A escolha pela análise do jornalismo cultural foi feita a partir da observação de que esta especialidade do jornalismo tem maior liberdade de desenvolver a narrativa, já que não se trata necessariamente de assuntos factuais do “hard-news”.

Como explica Arthur Daphieve o texto para o caderno de cultura tem características peculiares em relação ao texto produzido para outras seções dos órgãos da imprensa. O repórter de um suplemento cultural goza de toda liberdade estilística do mundo para dar a informação, desde, que não sejam ultrapassados os limites da inteligibilidade. O tema de arte e cultura, coisas que por definição, não se esgotam em informações objetivas, mas se desdobram em aproximações objetivas.

Apesar da maior flexibilidade quanto a forma, o conteúdo dos textos de cultura devem mostrar relevância ao público. Segundo Daniel Piza, no livro *Jornalismo Cultural*, o jornalismo cultural é uma das partes mais lidas do jornal pelo público, no entanto, esse dado não acompanha proporcionalmente a quantidade de matérias disponíveis diariamente quando comparado ao caderno de esporte, por exemplo. O jornalismo cultural é reflexo da produção cultural e ao mesmo tempo é uma criação cultural. O repórter cultural continuará sendo um repórter e, por isso deve obedecer as regras de redação que são limitantes, como a imposição do prazo de entrega e o tamanho do conteúdo.

Outra motivação para fazer este trabalho é dar, nem que seja minimamente, contribuição para formação de referências bibliográficas direcionadas ao jornalismo cultural. Hoje, são poucos os trabalhos desenvolvidos sobre as especificidades da editoria de cultura, principalmente, relativas a linguagem.

Para realizar o trabalho analisei as reportagens do *Caderno C* do *Correio Braziliense*, pois este veículo possui um caderno diário dedicado a arte e cultura. Como critério de pesquisa, escolhi as matérias de capa por ter maior tamanho, relevância e aprofundamento de conteúdo segundo a hierarquia de produção de um jornal. Fiz então a seleção de dezesseis matérias de capa do dia 30 de setembro a 16 de outubro de 2006. Entre os assuntos centrais das reportagens estão a música, a fotografia, o cinema, a televisão, o teatro, literatura e esculturas.

Assim extraí dos textos dos jornalistas culturais trechos que exemplificassem, em sua proporcionalidade de conteúdo jornalístico, os valores da escrita nos quais são caros a Ítalo Calvino.

2. LEVEZA

*Liberdade completa ninguém desfruta:
começamos oprimidos pela sintaxe e
acabamos às voltas com o Drops.
Graciliano Ramos*

Esta é a primeira conferência de Calvino, para ele a leveza é o valor define o seu trabalho que por mais de quarenta anos foi literatura de ficção. A predileção pela ficção foi fuga do mundo em que, segundo ele, lhe parecia inerte, opaco, pesado como a escrita. Apesar de ter nascido em Cuba, sua influência acadêmica foi italiana por isso a mitologia grega conduz ainda muitos trabalhos. Uma de suas referências de leveza é a história do herói Perseu e a Medusa, que para escapar do olhar da criatura petrificante, nunca a olha diretamente, apenas para a imagem refletida no espelho. Calvino explica que é na recusa da visão direta que reside a força de Perseu, mas não significa que recusa a realidade do mundo de monstros.

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou irracional. Quero dizer que é preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos... No Universo da literatura sempre se abre novos caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo...Mas se a literatura não basta para me assegurar que não estou apenas perseguindo sonhos, então busco na ciência alimento para minhas visões das quais todo pesadume da minha vida tenha sido excluído. (Calvino:1990, p.19-20)

Calvino buscou em suas obras literárias a subtração do peso. Pode parecer contraditório, pois escrever é um ato de juntar palavras para concretizar uma idéia, segundo Roland Barthes. As idéias fazem alusão a leveza e escrever, materializar pesa. No entanto, Calvino usa da literatura para fazer da linguagem um elemento sem peso passando por todas as coisas.

Podemos dizer que duas vocações opostas se confrontam no campo da literatura através dos séculos: uma tende a fazer da linguagem um elemento sem peso, flutuando sobre as coisas como nuvem, ou melhor ainda, como um campo de impulsos magnéticos; a outra tende a comunicar peso à linguagem, dar-lhe espessura, a concreção das coisas, dos corpos, das sensações. (Calvino:1990)

A leveza proposta por Calvino não está relacionada com a levianidade ou com mentira, pois essas para o escritor são opacas e pesadas. Seria mostrar a capacidade de cada um tem de sair convencionalidade e olhar o mundo das mais diversas maneiras sem que seja negado o real, mas a aceitação de várias perspectivas. Uma leveza de pensamento que se segue na escrita por meios lingüísticos.

A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago e aleatório. Paul Valéry foi quem disse: Il fat léger comme l’oiseau, et non comme la plume[É preciso ser leve como um pássaro e não como a pluma.](Calvino:1990,p.2)

Na escrita, segundo Calvino, a leveza pode ser encontrada de três formas: despojamento de linguagem por meio do qual os significados são canalizados concentrados sem a possibilidade de serem medidos até que se dissolvam; uma narração com processos psicológicos com elementos sutis ou que possuam uma descrição com alto grau de abstração e fazer uso de uma imagem figurativa que assuma valor emblemático.

A poesia para Calvino surge com símbolo da leveza. Por meio da combinação de palavras é capaz de transformar o que seria um tema pesado em algo leve, agradável. Como é o caso da poesia shakesperiana que mescla melancolia e humor, produzindo um dos estilos mais lidos no mundo. O personagem Hamelet define melancolia:

...mas é uma melancolia muito particular composta de vários elementos simples, extraída de vários objetos, e de fatos de inúmeras lembranças de minhas viagens, com freqüência ruminadas, envolvem-me numa tristeza ressumada de graça.

Não se trata de falar de melancolia com rancor, mas se faz num conjunto de sensações e palavras inusitadas. Para Calvino a literatura tem função existencial, como busca de leveza como reação ao peso de viver.

2.1 Narrativa sem peso

A leveza de Calvino leveza é perceptível dentro do jornalismo cultural. O leitor busca os suplementos como fuga das notícias de assassinato, tiroteio, acidente que inundam as páginas dos jornais diariamente. O uso de adjetivos nos textos é uma

das principais características morfológicas nos texto de jornalismo cultural. A engrenagem de adjetivos conduzem a sensação de leveza ao que é concreto, o objeto ou o personagem da entrevista. Como exemplo na reportagem, de Irlam Rocha Lima, sobre Música Armorial, “Raízes do Brasil”, dia 3/10/2006, tem o primeiro parágrafo escrito da seguinte maneira: “Figura mítica da cultura nordestina e brasileira -, Ariano Suassuna se projetou nacionalmente ao escrever *O auto da Compadecida*, peça que depois viria a se ser transposta com grande sucesso para o cinema e a televisão. Outra importante contribuição do escritor e teólogo paraibano às artes foi o romance *A pedra do reino*, gênese do Movimento Armorial, que teve como fontes de inspiração a tradição ibérica medieval e a criação popular.” A matéria usa de adjetivos rebuscados para mostrar a relevância do trabalho literário do escritor como um dos ícones da cultura brasileira.

A adjetivação vai de encontro com a proposta do jornalismo em se mostrar isento de qualificações. O que não é muito comum de se encontrar no texto do jornalismo informativo.

O jornal busca a simplicidade para fazer-se entendido pelo maior número possível de leitores. Nessa busca, é seu dever repudiar não somente a adjetivação opinativa como toda e qualquer expressão que possa tornar penosa á leitura do jornal ao homem comum. O bombástico, o grandiloquente, o pejorativo, o intelectualismo, o cientificismo, o apoteótico, o falso, o pitoresco, o pseudofolclórico não se enquadram na tessitura da notícia. (BURNETT:1967,p.54)

Outro exemplo de leveza aplicado ao jornalismo cultural é uma narração de um raciocínio ou de um processos psicológico no qual interferem elementos sutis ou que possuam uma descrição com alto grau de abstração (Calvino:1990). Esse item citado por Calvino pode ser observado na matéria de Nahima Maciel, sobre música clássica, “Erudito essencial”, 08/10/2006, onde ela começa a descrever um pouco da vida dos músicos clássicos de reconhecimento mundial. O texto começa assim: “Mozart tinha a mão pequeninha quando escreveu a primeira obra. Era criança e não passava dos 12 anos. Beethoven tinha pai alcoólatra, apanhou muito na infância e para completar, começou a ficar surdo aos 24 anos. Mesmo assim, tornou-se marco na história da música erudita, ao estabelecer a passagem do classicismo para o romantismo. Rossini sabia se dividir entre a genialidade da composição com a lida de professor de piano para sustentar a família pobre. Conhecer curiosidades da vida

do grandes criadores da música clássica é excelente porta de entrada para essa seara, que muitas vezes assusta e tem cara sisuda.”

Para contrapor a idéia de um assunto pesado, como ela própria cita no fim do parágrafo “sisudo”, a jornalista logo na primeira frase usa a palavra “pequeninha” para dar um ar de graciosidade ao tema.

Outro ponto chave para tirar o peso da informação que não deve jamais ser tirada de foco, mesmo no jornalismo cultural, é a escolha por um vocabulário informal para trazer mais proximidade ao leitor com o assunto abordado. Para falar de uma banda de Curitiba, O Bonde do Rolê, que mistura funk ao rock, a jornalista usou de expressões como “o batidão do funk carioca”, “mas logo pegou o bonde”, “teor desbocado”, “momentos escatológicos”, vocabulários familiares aos simpatizantes desses estilos musicais.

O jornalista e editor do caderno de cultura do Jornal de Brasília, Rodrigo Leitão, afirma que sempre procura dar leveza ao texto e um dos recursos mais usados é o uso de adjetivo.

Por exemplo, quando eu vou falar de algum artista que nasceu no Rio de Janeiro podemos dizer que o personagem é carioca da gema. Em um texto meramente informativo vou dizer que a pessoa simplesmente nasceu no Rio de Janeiro e ponto final. (Leitão:2006)

2.2 – Imagens da leveza:

Para começar, a apresentação gráfica do caderno cultural tem a valorização de imagem, seja uma ilustração ou foto. As imagens ocupam grande parte da mancha gráfica. Em todas as quinze matérias de capa da editoria de cultura do *Correio Braziliense* a proporção de imagem para a quantidade de texto é de 3:1.

Até mesmo as fotos recebem um tratamento diferenciado com maior possibilidade de criação e desprendimento das formas convencionais dos boxes retangulares. As fotos são recordadas servindo de guia para o texto, até mesmo de pano de fundo. Na matéria de Sérgio Maggio, sobre a renovação teatro brasileiro, “Senhores Maestros”(Anexos, p.44), 4/10/2006, as fotos dos personagens, tiradas por Paulo de Araújo, foram apresentadas de modo inusitado. Ao invés de mostrar o convencional “boneco”, nome dado a fotografia que valoriza apenas a imagem do personagem sem informação adicional nem composição, servindo apenas para identificação da pessoa. Na matéria foi dado um tratamento diferenciado, as mãos e

braços dos personagens Paulo Moraes e Paulo José tiverem uma foto a parte, foi dado destaque a gesticulação dos personagens durante a entrevista.

A valorização da imagem já é tendência dentro de outras editorias com ampliação de fotos, uso de cores, ilustrações, tabelas, letras diferenciadas para tornar o bloco de texto uma formatação mais sutil.

Os segundos cadernos continuam a ser na imprensa brasileira o habitat por excelência da experimentação e da renovação, tanto no texto como na apresentação gráfica. De tal forma que recursos inventados nas editorias de cultura são tomados emprestados pelas outras editorias, arejando jornais ou revistas. (DAPHIEVE:2002, p.73)

3. RAPIDEZ:

*Escrever é cortar,
Marques Rabelo*

A rapidez a que Calvino refere-se é á concisão de idéias, e economia na narrativa. Para Ítalo Calvino o tempo na narrativa é fundamental para dar prazer ao leitor.

O segredo está na economia da narrativa em que os acontecimentos, independentemente de sua duração, se tornam puctiformes, interligados por segmentos retilíneos, num desenho em ziguezagues que corresponde a um movimento ininterrupto.(...)Em todo caso, o conto opera sobre a duração, é um sortilégio que age sobre o passar do tempo, contraindo-o ou dilatando-o.(Calvino:1990)

Um dos exemplos de literatura que correspondem as premissas de Calvino são as fábulas porque elas obedecem a um estilo, estrutura, economia e o ritmo que instigam a velocidade de imagens, pensamentos que nos parecem agradáveis. Os bons contadores de história sabem dar um bom ritmo e fazer o cruzamento de idéias. A arte que permite Sheherazade salvar sua vida a cada noite está no saber encadear uma história a outra, interrompendo-a no momento exato: duas operações a continuidade e descontinuidade. (Calvino:1990)

Dar ritmo a uma história é uma das características para uma boa narrativa. O escritor para exemplificar a importância do ritmo, compara a narrativa com um cavalo, que a velocidade mental do narrador pode parecer um trote, incômoda, ou um galope. Calvino cita no livro um conto de Boccaccio, onde ele dedica a arte da história oral. Nela, Boccaccio escreve sobre um diálogo entre um cavaleiro e uma dama que precisam passear a pé para chegar a uma vizinhança. Para tornar o passeio mais agradável o senhor se oferece para contar uma história:

“Senhora Oretta, se assim quiserdes, poderei, por grande parte do caminho que teremos que andar, levar-vos a cavalo numa das mais belas histórias deste mundo”.
Ao que a dama respondeu: “Caro senhor, até mesmo vos peço por insistência, pois nada me seria mais agradável.”
A estas palavras, o cavalheiro, que talvez não estivesse na cintura melhor graça com a espada do que na língua com a arte de contar, começou sua narrativa, a qual na verdade era em si belíssima, mas que ele, ora repetindo a mesma palavra três, quatro ou seis vezes, ora voltando atrás dizendo: “Não é bem assim” e errando com frequência nos nomes, trocando um pelos outros, acabava por terrivelmente estropiar, omitindo-se pessimamente de adequar o tom da narrativa às qualidades dos personagens e à natureza dos acontecimentos.

No que a senhora Oretta, ao ouvi-lo sentia vezes sem conta vir-lhe um suor frio e um desfalecimento do coração, como se estivesse enferma para morrer; e não podendo agüentar por muito tempo, sabendo que o cavalheiro havia entrado num aranzel do qual não conseguiria sair-se, gostosamente lhe disse: "Meu caro senhor, vosso cavalo é um tanto duro de trote, pelo que vos peço que me deixes a pé". (CALVINO:1990)

Outro poeta que Calvino citou em sua obra para explicar a velocidade foi o poeta italiano Giocolmo Leopardi. Em seus trabalhos buscou a rapidez e concisão para ter mais palavras para se expressar e dar ao leitor a possibilidade de ter múltiplas sensações. Segundo Leopardi, a abundância de pensamentos é que dá prazer na leitura.

A rapidez e a concisão do estilo agradam porque representam à alma uma turba de idéias simultâneas, ou cuja sucessão é tão rápida que parecem simultâneas, e fazem a alma ondular numa tal abundância de pensamentos, imagens ou sensações espirituais, que ela ou não consegue abraçá-las todas de uma vez nem inteiramente a cada uma, ou não tem tempo de permanecer ociosa e desprovida de sensações. A força do estilo poético, que em grande parte se identifica com a rapidez, não nos deleita senão por esses efeitos, e não consiste senão disso. A excitação de idéias simultâneas pode ser provocada tanto por uma palavra isolada, no sentido próprio ou metafórico, quanto na colocação na frase, ou pela sua elaboração, bem como simples supressão de outras palavras ou frases etc. (LEOPARDI:1827)

Na era do automóvel, do avião e, até mesmo do foguete, em que todas as distâncias se encurtaram, a rapidez é uma das mercadorias mais vendidas. A escrita acompanha essa idéia. Na vida prática o tempo é uma riqueza no qual temos que economizar. Na literatura a rapidez de estilo e de pensamento é capaz de dar mais mobilidade, agilidade e desenvoltura. Para isso, Calvino busca na concisão uma única expressão que seja capaz de dar conta do significado, tem preferência pelas histórias breves, mas não menos ricas de significados. Para ele, o mestre da escrita breve é Jorge Luis Borges, escritor argentino reconhecido principalmente pelo gênero de ficção.

Sua maneira de narrar sintética e esquemática que conduz a uma linguagem tão precisa quanto concreta, cuja inventiva se manifesta na variedade dos ritmos, dos movimentos sintáticos, em seus adjetivos inesperados e surpreendentes. Nasce com Borges uma literatura que é como extração da raiz quadrada de si mesma: "uma literatura potencial" (CALVINO: 1990, p.63)

A concisão não é apenas de palavras, mas de idéias. Deve ser focalização do pensamento para que se dar densidade ao conteúdo.

3.1. Prazer do ritmo:

A velocidade de leitura nos textos de jornalismo cultural é elemento fundamental para o leitor se interesse pelo assunto. As frases são curtas e parecem soltas, mas que no final se juntam dando um fechamento ao enredo. Os pontos e vírgulas dão ritmo ao texto. Sem que se perceba, o leitor chega ao lide. E essa é a proposta de Calvino, quanto mais concisas as frases, mais espaço o jornalista terá para se expressar. Um bom exemplo de ritmo pode ser observada na gradação de acontecimentos do primeiro parágrafo da matéria de Daniela Paiva, “Um dia sim, o outro também”, 16/10/2006.

O comércio encerra as atividades. Os sinais dos colégios e das faculdades anunciam o fechamento dos livros e cadernos. Com a sexta e o sábado ainda distantes, renasce, na geração roqueira dos anos 2000, a questão cabal da turma da Colina de 20 anos atrás.O que fazer? Hoje, respostas como sentar numa mesa de boteco, liberar a energia da labuta ou do estudo numa pista de dança ou conferir a performance de uma banda cover freqüentam a programação de segunda a quinta-feira dos brasilienses. Alguns projetos oferecem mais uma alternativa: preencher os espaços em branco na agenda com o rock produzido na cidade. (PAIVA:2006)

Como Calvino, o jornalista Marcello Rollemberg mostrou que não é só na literatura e poesia que devem preservar a escrita versificada e ritmada. Para ele qualquer texto, inclusive no jornalístico. A velocidade em si é capaz de dar significação.

A versificação não pode ser importante para muitos autores que acreditam eles, não aceitaria ser chamados de “poetas” se não fizessem versos. Mas não é exatamente aí que guarda o coração do poema. O ritmo – por mais óbvio que possa parecer a afirmação – é essencial para qualquer texto, seja ele poesia, romance, conto ou até mesmo matéria jornalística. Porque é o ritmo – cadenciado, descompassado ou nervoso – que dá a sangüinidade ao texto, imprime a ele sua alma. (ROLLEMBERG:2000)

Ainda seguindo a lógica de Calvino de proporcionar ao leitor a possibilidade de desenvolver a velocidade mental, Daniel Piza, no livro “Jornalismo Cultural” dá dez dicas sobre os textos na editoria de cultura. A terceira delas é:

3 - Mantenha ritmo no texto, amarrando uma informação na outra, para não perder a leitura. Agilidade é indispensável sem prejuízo de teor informativo. Textos ralos ou que simplesmente empilham dados são entediosos. Examine a possibilidade de cortar cada palavra. (PIZA:2003)

Outro exemplo de idéias encadeadas com texto amarrado que conduzem o leitor ao foco do assunto é a matéria de Nahima Maciel, “Vote em Mim”, 30/09/2006. Ela inicia o texto como uma prosa:

Hoje é proibido fazer campanha. Quem dita a regra é a lei eleitoral. Nade de propaganda na televisão ou na rádio. Quem circular com carro de som ou fizer comício em véspera de eleição pode ser um ltado. Mas o Candidato do Entorno é um contraventor. Esteve escondido durante todo período destinado a campanha eleitoral e hoje sai da toca. Subverte a lei, mas também o espaço, e transforma a galeria de Arte Dulcina Moraes, no Conic, um comitê eleitoral. Por lá faz um *Showroom do Candidato do Entorno*. (MACIEL, 2006)

O jornalismo cultural não pode deixar de ser informativo, o lide também é elemento fundamental dentro dos textos sobre arte e cultura. Em qualquer texto, o leitor logo busca o assunto da matéria. Entretanto, as respostas do Quem? O que? Quando? Onde? Como? E por quê? têm mais flexibilidade se compararmos com a matéria factual. Isso significa que não precisa ficar necessariamente nas primeiras linhas do texto. A resposta para essas seis perguntas pode ser rebaixada para sublide. Este é o caso da matéria de Tiago Faria e Lúcio Flávio, “Cinema Novo”, 12/10/2006. O lide se encontra no fim do primeiro parágrafo com continuação no segundo.

Seja no Rio, seja em São Paulo; ou Toronto ou Mar del Plata. No mundo os mais concorridos festivais internacionais de cinema exibem perfis sensivelmente diferentes dos outros. Mas uma característica une todos eles. É a busca criteriosa e abrangente do panorama da produção mundial, capaz de equilibrar o novo e o raro, que separa mostra de qualidade de mera apanhado de filmes falados em diversos idiomas. Se essa é a receita infalível para atrair cinéfolos exigentes, é possível afirmar que o festival Internacional de

Cinema de Brasília (FIC Brasília) chega à oitava edição com antenas apontadas para a direção certa. Com início marcado para o dia 1 de novembro e desfecho para o dia 9, a seleção de 2006 vem mais reduzida, com pacote de 85 filmes (em 2005, o número chegou a 110 longas) e três dias a menos em relação ao ano passado. Mas inclui alguns dos objetos mais desejados do Festival do Rio e da Mostra Internacional de São Paulo, como Volver, de Pedro Almodóvar, e o vencedor de Cannes, The wind that shakes the Barley, de Ken Loach. (FARIA:2006)

Como em outras editorias do jornal diária a falta de espaço, o texto da editoria de cultura deve ser conciso por falta de espaço físico do papel jornal. Como foi citado no 2.2 (p.), as palavras não ocupam mais do que um terço da mancha gráfica.

3. EXATIDÃO:

*Uma boa reportagem se faz com
precisão, rigor e correção, mas também
se sobretudo com emoção.
Zuenir Ventura*

Para escrever esta conferência Ítalo Calvino se inspirou na deusa da balança no antigo Egito, Maat. O nome derivou da pena levíssima que servia de peso num dos pratos das balanças em que se pesavam as almas, símbolo da exatidão. O escritor explica que exatidão na literatura quer dizer três coisas:

- 1) um projeto de obra bem definido e calculado;
- 2) a evocação de imagens visuais nítidas, incisivas, memoráveis, temos em italiano um adjetivo que não existe em inglês, “icástico”;
- 3) uma linguagem que seja a mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e imaginação. (CALVINO:1990, p.71)

O tema pode parecer óbvio, mas para Calvino é de tal importância, pois ele afirma que é comum o uso aproximativo, casual e até mesmo descuidado das palavras. A colocação aleatória das palavras causa-lhe um intolerável repúdio (CALVINO:1990).

Ele acredita que a escrita é uma das soluções para que as palavras possam ser usadas, pois na linguagem oral ao falarmos fazemos muitas vezes o uso errado das expressões sem que tenhamos a oportunidade de refletir ou consertar quantas vezes for necessário. A linguagem oral perde-se no espaço, mas a escrita fica registrada com possibilidade de fazer adaptações.

Que não vejam nessa reação minha um sinal de intolerância para com o próximo: sinto repúdio muito maior quando me ouço a mim mesmo. Por isso procuro falar o mínimo possível e se prefiro escrever é que, escrevendo, posso emendar cada frase tantas vezes quanto necessário para chegar, não digo a me sentir satisfeito com minhas palavras, mas pelo menos a eliminar as razões de insatisfação de que posso dar conta. A literatura – quero dizer, aquela que responde a essas exigências – é a Terra Prometida em que a linguagem se torna aquilo que na verdade deveria ser.(CALVINO:1990,p.72)

A inconsistência da linguagem nos dias de hoje, tem crescido segundo Calvino. A homogeneização dos *mass-mídia* pode ser um das causas dessa tendência. O público do tempo-real em que uma imagem vale mais do que mil

palavras, sente-se satisfeito com o olhar apenas. No entanto, a tempestade de imagens não fixa o significado na memória, não traz a reflexão. A imagem é usada com único objeto de significação. Se por um lado a leitura de um texto implica um trabalho específico de imaginação, por outro lado, a percepção de imagens não prescinde da capacidade de elaboração do discurso (RODRIGUES:1994)

Gostaria de acrescentar não ser apenas a linguagem que me parece atingida por essa pestilência. As imagens, por exemplo, também o foram. Vivemos sob uma chuva ininterrupta de imagens; os media todo-poderosos não fazem outra coisa senão transformar o mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de jogos de espelhos – imagens que em grande parte são destituídas da necessidade interna que deveria caracterizar toda imagem, como forma e como significado, como força de impor-se atenção, como riqueza de significados possíveis. Grande parte dessa nuvem de imagem se dissolve imediatamente como os sonhos que não deixam traços na memória; o que se dissolve é uma sensação de estranheza e mal-estar.(CALVINO:1990)

Mesmo com a linguagem poética que desperta idéias vastas e indefinidas, e num primeiro momento leva a pensar em algo vago, contrária a precisão, se revela com símbolo da exatidão. Uma vez que para alcançar a imprecisão almejada é necessário fazer a escolha exata com a composição de cada palavra para formação de cada imagem, assim o escritor deve ser meticuloso aos detalhes. O poeta português Fernando Pessoa foi uma dos escritores citados por Calvino como emblemas da exatidão poética. A escolha das palavras e das imagem que despertaram no leitor não foram feitas aleatoriamente. Uma das poesias de Pessoa mostra como a idéia de vago suscita no leitor com extrema precisão. O segundo heterônimo de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, escreveu uma poesia precisa de métrica calculada:

Para ser grande, sê inteiro: nada

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

A escrita permite o aprofundamento no detalhe que é inesgotável, pois sempre se abre novos caminhos que também precisam ser descritos com cuidado. Assim Calvino revela sua angústia na escrita:

Às vezes procuro concentrar-me na história que gostaria de escrever e me dou conta que aquilo que me interessa é uma outra coisa diferente, ou seja, não uma coisa determinada mas tudo o que fica excluído daquilo que deveria escrever: a relação entre esse argumento determinado e todas as suas variantes e alternativas possíveis, todos os acontecimentos que o tempo e o espaço possam conter. É uma obsessão devorante, destruidora, suficiente para me bloquear. Para combatê-la, procuro limitar o campo do que pretendo dizer, depois dividi-lo em campos ainda mais limitados, depois subdividir também estes, e assim por diante. Uma outra vertigem então se apondera de mim, a do detalhe do detalhe do detalhe, vejo-me tragado pelo infinitesimal, pelo infinitamente vasto. (CALVINO:1990)

4.1. Relatar é preciso

Escrever com veracidade e apuração é uma das máximas do exercício do jornalismo ético, sendo ele de cultura ou policial. A exatidão indica bom senso e traz para o veículo credibilidade com a fonte e com o público. A precisão é o cuidado extremo com datas, nomes e pesquisas. O jornalista Ricardo Noblat, no portal do Comunique-se afirma que é preciso surpreender o leitor por meio de matérias bem levantadas, rigorosamente exatas, zelosamente checadas. “O repórter deve ser uma espécie de ‘gravador humano’, que registre tudo o que vê e que ouve e reproduza tudo isso com absoluta fidelidade, com todos os pingos nos is e todos os tils”(NOBLAT:2004). Em seu livro, A arte de escrever um jornal diário, Noblat ainda afirma:

O texto jornalístico tem que ser preciso. Não deve limitar-me a escrever que “Ronaldinho fez o primeiro gol do Brasil no final da Copa do Mundo contra a Alemanha ao aproveitar um bola largada pelo goleiro. Tenho que dizer quem chutou a bola largada pelo goleiro; de que distância a bola foi chutada; se foi um chute rasteiro ou alto; se o goleiro foi pego de surpresa; se foi a força do chute que fez o goleiro soltar a bola; e se Ronaldinho empurrou a bola mansamente pelo canto (que canto?), ou se preferiu encobrir o goleiro. (NOBLAT:2002)

Exemplo de precisão na abordagem do tema foi a matéria de Lúcio Flávio, sobre a vida e obra do cineasta Ruy Guerra, “Viver para filmar”, 02/10/2006. O jornalista detalha cada trabalho do cineasta em 80 cm lineares.

E o diretor de Os fuzis e Os cafajestes tem razão. Ao todo são 12 longas-metragens, além de documentários, curtas e raras produções para TV e vídeo, no Brasil e no exterior. Merece atenção o primeiro trabalho de Guerra, o curta *Quand le soleil dort*, trabalho final do curso de cinema realizado em Paris, em 1954, no Institute des Hautes Études Cinématographiques (IDHEC). Adaptado de um romance de Elio Vittorine, narra um episódio de um campo de concentração de prisioneiros durante a Segunda Guerra Mundial. Outra preciosidade de *Ruy Guerra, filmar e viver* são os longas do diretor realizados no exterior, como o franco-brasileiro *Sweet hunters (Ternos caçadores)*, produção de 1969 protagonizada por Sterling Hayden e Susan Strasberg, e os portugueses Monsanto (2000) e Portugal S/A (2003). (FLÁVIO:2006)

Pode se observar a preocupação de Lúcio Flávio em especificar qual foi o primeiro curta do diretor, qual foi a motivação para fazê-lo, o ano, a cidade, a faculdade em que o Ruy Guerra se formou. E ainda, citou do que se tratava o filme e de onde partiu o roteiro. A jornalista Caroline Lasneaux, na matéria sobre uma banda musical composta de deficientes mentais, “Música no Coração”, 09/10/2006, teve o cuidado de descrever os nomes das músicas e seus respectivos intérpretes tocadas no aniversário de Lula pela banda Toque Musical:

E parece que até o presidente do Brasil se rendeu em elogios à banda. No ano passado, o grupo tocou na festa de 60 anos de Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio do Planalto. Além dos parabéns Lula ouviu o Hino Nacional e as músicas de *Ana Júlia*, de Los Hermanos, *Carla*, do LS Jack e *Para não dizer que não falei das flores de Geraldo Vandré*. “Depois do show, o presidente até pediu bis”, conta Maria Carmelita dos Santos, mãe do baterista Itamar dos Santos. (LASNEAUX:2006)

A professora Rosa Nívea Pedroso explica a importância de reportar com fidedignidade o objeto observado:

A exatidão no relato de acontecimentos e situações, a leitura simbólica do mundo que observa, estilo, uma voz narrativa distinta e às vezes digressões que abram uma reflexão profunda sobre o tema subjacente à narrativa. Busca unir a compreensão racional do mundo com o entendimento intuitivo, passando pela leitura sensível de pessoas, ações, cenários e contextos. Une razão e lógica, integra as esferas objetiva e subjetiva que constituem a realidade integrada. (PEDROSO: 2001, in www.saladeprensa.org)

A exatidão no jornalismo, sobretudo o cultural, vai além da transcrição dos fatos com veracidade. Está intimamente ligada a escolha dos vocabulários certos para traduzir ao leitor o que de fato é intenção do jornalista. O uso consciente e preciso desses instrumentos (palavras instrumentos objetivos), pois, também caracteriza o bom jornalismo voltado para arte. “A preocupação com a escolha, articulação e sentido das palavras, a precisão é de suma importância para o exercício da profissão na esfera da cultura” (PIZA:2003, p.52).

As jornalistas e escritoras Dad Squarisi e Arlete Salvador, no livro A arte de escrever bem, também mostram a relevância da escrita precisa dentro do jornalismo. Para os jornalistas e profissionais do texto elas aconselham:

A clareza das idéias está intimamente relacionada com a precisão das palavras que as traduzem, Buscar o vocábulo certo para o contexto exige atenção, paciência e pesquisa.(...) Siga a regra: o específico é preferível ao genérico; o definido ao vago; o concreto ao abstrato. Busque variedade, propriedade e riqueza. Recuse monotonia, vagueza e indigência. (SQUARISI E SALVADOR:2004, p. 31, p.33)

Na matéria de Tiago Faria sobre o falecido músico Renato Russo, “Renato Russo o poder do mito”, 11/10/2006, o repórter escolhe adjetivos para definir o músico já tão conhecido, mas que acompanha com exatidão a imagem do cantor na mídia como “franzino, carismático e explosivo Renato Manfredini Júnior”.

A angústia por achar a palavra perfeita pode ser infinita, pois há experiências humanas impossíveis de serem expressadas por meio da linguagem verbal. O ideal é que as língua fossem omniefável, segundo Umberto Eco. A língua verbal é a forma de comunicação que possui maior relação entre significante e significado.

Pretende-se de uma língua natural seja *omniefável*, isto é, capaz de exprimir toda a nossa experiência, física e mental, e portanto de poder expressar sensações, percepções, abstrações e responder até mesmo à indagação por que haja o Ser em lugar do Nada. É bem verdade que a língua verbal não é totalmente *efável*/ (experimente-se descrever em palavras a diferença entre o perfume da verbena e o do alecrim), e por isso deve-se servir de indicações, gestos, inflexões tonêmicas. Mas, mesmo assim, entre todos os sistemas semióticos ela aparece como aquela que dispõe de um raio mais amplo e satisfatório de efabilidade, e é por isso que os projetos de língua perfeita se referiram quase todos ao modelo de língua verbal. (ECO:2000, p.44)

A fotografia é um forte aliado da editoria de cultura. O fotógrafo fixa a realidade ao vivo com exatidão (AMARAL: 1976, p.137). As grandes fotos são comumente estampadas, e até mesmo possuem um trabalho especial para compor com o texto. O fotógrafo Milton Guran, em seu livro *Linguagem fotográfica e informação*, explica como a imagem fotográfica pode ser a tradução rica da realidade:

Assim como o cinema e o vídeo, a fotografia representa a realidade de maneira própria e particular (diferentemente do que faria a pintura ou o desenho, por exemplo), possibilitando uma leitura tanto mais rica quanto a capacidade do leitor de se aperceber das representações contidas na imagem, uma vez que ela não se reduz a transcrição. Por outro lado, como explica o fotógrafo americano Edward Weston, “o poder da fotografia reside na capacidade de recriar o seu objeto nos termos da realidade básica dele, e de apresentar esta recriação de tal forma que o espectador sinta que está diante não apenas do símbolo daquele objeto, mas da própria essência da natureza dele revelada pela primeira vez.” (GURAN: 2002, p.7)

5 . VISIBILIDADE:

*Só fala e escreve bem quem pensa bem.
Filho de Almeida*

"Chove dentro da alta fantasia". Este verso de Dante se encontra no Purgatório (XVII, 25), trecho pelo qual Ítalo Calvino conduzirá a defesa da visibilidade como um valor literário. A fantasia, o sonho, a imaginação é um lugar dentro do qual chove (CALVINO:1990, p.97). Calvino afirma que o poeta deve imaginar visualmente tanto o que seu personagem vê, quando aquilo que acredita ver, ou que está sonhando, ou que recorda, ou que vê representado, ou que lhe é contado, assim como deve imaginar o conteúdo visual das metáforas de que se serve precisamente para facilitar essa evocação visiva. Cria-se assim um movimento cíclico em que não se sabe se a capacidade imaginativa está na origem da expressão verbal, ou vice-versa. O escritor explica como pode ocorrer de duas formas os processos imaginativos:

o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal. O primeiro processo é o que ocorre normalmente na leitura: lemos por exemplo uma cena de romance ou uma reportagem de um acontecimento num jornal, e conforme a maior ou menor eficácia do texto somos levados a ver a cena como se esta se desenrolasse diante dos olhos, se não toda cena, pelo menos fragmentos e detalhes que emergem no indistinto.(CALVINO:1990, p.99)

O cinema é exemplo de algo que foi lido e passado para a imagem na tela. Assim o diretor leu primeiro o roteiro e depois trabalhou em cima dele fazendo uma reconstrução. Mesmo antes da invenção do cinema com a leitura sempre partimos de um processo imaterial para uma realidade material, mesmo que dentro da própria mente. Outro exemplo citado por Calvino foi a passagem da palavra á imaginação visiva com o uso de imagens sacras dotadas de sugestão emotiva. O escrito italiano discorre sobre sua experiência de imaginação para escrever sobre suas histórias fantásticas:

A primeira coisa que me vem á mente na idealização de um conto é, pois uma imagem que por razão qualquer apresenta-se a mim carregada de significado, mesmo que eu não saiba formular em termos discursivos ou conceituais. A partir do momento em que a imagem adquire uma certa nitidez em minha mente, ponho-me a

desenvolvê-la numa história, ou melhor, são as próprias imagens que desenvolvem suas potencialidades implícitas, o conto que trazem dentro de si. (CALVINO:1990, p.104)

Calvino procura ressaltar a relação de dupla implicação entre expressão verbal e a imagem, em um jogo que dê conta dos processos imaginativos da criação. Busca ver que o há de imagem na palavra e o que há de palavra na imagem, mas não se trata de encontrar os processos interativos na imagem; propõe a visibilidade enquanto um meio transparente, através do qual a realidade se representa à compreensão. Cada imagem sugere outra e assim desenrola-se a narrativa, materializa-se as idéias por meio da escrita, mas com a equivalência da imagem visual. A imagem visual guia a narrativa na direção em que a expressão verbal flui com mais facilidade, não restando à imaginação visual senão seguir atrás (CALVINO:1990, p.105). Por mais técnico ou abstrato que seja o assunto da leitura, uma imagem é formada.

Uma das questões levantadas por Calvino foi que a formação da imagem individual é construída pelo imaginário indireto. As culturas de massa como revistas, jornal, televisão ou qualquer outra forma de tradição são influências para a constituição da mente do indivíduo.

Calvino se mostra preocupado com a capacidade humana de pensar por imagens:

Antigamente a memória visiva de um indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a um reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje somos bombardeados por um tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo. (CALVINO:1990,p.107)

Um exemplo citado por Calvino no qual a imagem sugere um a formação verbal são os quadrinhos sem diálogos nos balões. Cada vez que se olha para o desenho pode-se ter uma história mental diferente. E do mesmo modo agia sobre a pintura de quadros famosos. Calvino afirma que todas as realidades só podem tomar forma através da escrita, na qual tudo que se vê no mundo externo e no mundo

interno são compostos pela matéria verbal. As visões poliformas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de ponto, vírgulas, de parênteses. (CALVINO:1990, p. 114).

5.1. Poder da imaginação:

O jornalista como mediador deve ser capaz de relatar a realidade ao público através da escrita. No entanto, o uso da linguagem verbal, principalmente no jornalismo cultural encontra certa dificuldade, uma vez que ela não é capaz de traduzir um som, ou até mesmo uma imagem. Dulcilia Buitone, em um artigo sobre o jornalismo cultural levantou uma questão: pode o discurso verbal dar conta de discursos sonoros, imagéticos, cênicos, multimídia? Ela afirma que estudiosos de crítica musical de arte sempre apontaram dificuldade de se transpor o som e o espaço para as dimensões verbais.

Deveríamos usar mais que palavras para fazer jornalismo de arte e cultura. Num século que viu Freud, Jung, BÉRGSON, Merleau-Ponty, Arbheim, Bachelard debruçarem-se sobre as portas perceptivas e simbólicas, a imagem visual se impõe como caminho. Talvez até mesmo imagens sonoras possam ser utilizadas. Todos esses autores, cada um a seu modo, mostram como a atenção aos fenômenos da percepção visual, auditiva, tátil, olfativa, gustativa, espacial e outras mais contribui para o desenvolvimento da sensibilidade artística. (BUITONE:2000,p.67)

Despertar o leitor para criação de uma imagem mental, proporciona uma proximidade do objeto da narração com o leitor. No livro, *Técnica de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística* de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, os autores sugerem que o texto deve é realçar a visão, a audição e a imaginação. Colocar o leitor diante dos fatos vivenciados ou nos quais tenta contextualizar a o foco da matéria.

A humanização do relato, pois, é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador. Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. (...) A narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favorece essa aproximação. (SODRÉ, FERRARI:1986, p.15)

A matéria de Nahima Maciel, sobre a exposição de Anish Kapoor, “Matéria Sublime”, 15/10/2006, descreve a reação de um dos montadores da exposição diante de uma das obras de arte do artista plástico indiano.

Eduardo Amorin traz na mão uma flanela amarela. Equipado com uma máscara protetora no rosto e sob os olhares apreensivos de uma supervisora, ele aproxima o pano de uma superfície branca que parece lisa. Ela o repreende e lembra que a flanela pode deixar resíduos capazes de macular a brancura da parede. Amorin afasta o tecido rapidamente. A mão do rapaz de 23 anos, funcionário da empresa de montagem de shows, responde a um impulso natural. Ele está diante de *When I am pregnant*, uma das instalações mais curiosas da exposição *Ascension*, que está sendo organizada no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB). Quem assina a obra é o indiano Anish Kapoor, de quem Amorin nunca tinha ouvido falar até ser contratado para ajudar na montagem.(MACIEL:2006)

A jornalista detalhou o instante em que o montador tentara limpar uma parede. Ela fez referência às cores dos objetos que estavam no ambiente, aos equipamentos usados por Eduardo, à velocidade dos movimentos, ao olhar da supervisora e até mesmo a explicação. Todos os adjetivos são para caracterizar cada objeto, para relatar com maior proximidade o olhar da jornalista. Na mesma matéria da exposição de Kapoor, ao invés de usar fotos para ilustrar as seis principais obras, Nahima Maciel descreve todas elas, não só a obra em si, mas a localização de cada uma : “Ascension - O pavilhão tem 8m de altura e 400m2 de chão. No lugar das paredes, vidro. A paisagem que emoldura a parte de trás do pavilhão mostra a Ponte JK e o lago.”

O leitor que pode formar ou imaginar uma cena visual entende mais e retém melhor na memória as idéias e os acontecimentos, de acordo com Kevin Barnhurst. A semióloga Lúcia Santaella em seu livro *A percepção – Um teoria semiótica*, fala do processo cognitivo segundo Pierce. Segundo ele (Pierce), o todo pensamento lógico, toda cognição e, junto com ela, a percepção é inseparável da linguagem através do qual o homem pensa, sente, age e se comunica. “É a mente, portanto, quem constrói o mundo de acordo com o potencial que lhe é próprio, a partir de uma matéria bruta fornecida pelos sentidos”. (SANTAELLA:1998, p.16 e 25).

A visibilidade no jornalismo cultural não está apenas em despertar no leitor imagens visuais. É fundamental localizar o leitor onde a arte ou a cultura, abordada na matéria, se encontra perante o cenário regional, nacional e internacional. O editor Rodrigo Leitão, em entrevista, afirmou que um dos elementos mais importantes do jornalismo cultural é de praxe fazer a contextualização. Dar um panorama é uma das peculiaridades do jornalismo cultural em relação ao jornalismo de hard-news que a não ser que seja uma matéria especial. A contextualização do acontecimento para a jornalista Regina Zappa remete ao aspecto visual do acontecimento, “O contexto da informação veiculadas nesses cadernos é como a moldura de um quadro, que estabelece seu espaço.”(ZAPPA: 2004)

As dezesseis matérias de capa mostram o passado, presente e perspectivas futuras do assunto da reportagem. A reportagem “Ela dá voz ao Brasil”, 06/10/2006, escrita por Lúcio Flávio sobre o programa de Regina Cazé que é feito com vários personagens das periferias do país, além de falar sobre o novo programa Central da Periferia mostra toda a trajetória da artista na televisão e ainda fala de projetos futuros.

O primeiro produto televisivo com essa proposta social alternativa foi o Programa legal. Criado em 1991, trazia Regina Cazé ao lado de Luiz Fernanda Guimarães.(...) No ar um sábado por, o programa (Central da Perifera) visita a periferia de capitais brasileiras, revelando seus artistas e projetos sociais. (...) A metáfora remete ao seu papel na minissérie *Amazônia – De Galvez a Chico Mendes*, em fase de gravação na região.(FLÁVIO:2006)

O jornalista Irlam Rocha Lima na matéria “Começar de novo”, 14/10/2006, conta sobre músicos brasilienses que tiveram reconhecimento nacional e que voltaram para Brasília para desenvolver novos projetos. Mais do que falar da carreira passada e da situação atual, o jornalista revela a sua extensão. A matéria lembra vários outros nomes de músicos que completam o quadro dos talentos reconhecidos pelo público da capital, despertando a memória.

Para Loro, pesou na volta o fato de cuidar melhor do estúdio que montou na 413 Norte onde, juntamente com o irmão Geraldo (o Gerusa, que foi baixista do Escola de Escândalo, contemporâneo de Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial) produz jingles e discos; e de poder trafegar com sua possante motocicleta pelas largas avenidas da capital e arredores – bem no estilo easy rider – sem maiores compromissos. (...) Fora do Natirus, o guitarrista (Kiko Perez) reencontrou os companheiros Bruno Dourado e Izabela

Rocha há dois anos quando produziram no UK Brasil (411 sul), o projeto O Artista Brasileiro, série de shows em que apresentavam aos brasileiros músicos e cantores que conheceram em suas andanças pelo país: Rogê, Baia, Luís Carlinhos, Rafael Ponde e Tonho Gebera. (ROCHA:2006)

6. MULTIPLICIDADE:

A multiplicidade a qual Calvino refere-se é a do conhecimento. O escritor italiano fala do romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre pessoas, entre as coisas do mundo (CALVINO:1990, p.121). A literatura deverá fazer com que cada objeto esteja em uma rede de relações que se ampliam para compreender vários horizontes do conhecimento. E como conseguir por meio da escrita? Calvino explica, “Isso ocorre mediante a exploração do potencial semântico das palavras, de toda a variedade de formas verbais e sintáticas, com suas conotações e coloridos e efeitos o mais das vezes cômicos que seu relacionamento comporta”(CALVINO:1990, p.123).

Nesta conferência creio que as remissões às literaturas do passado podem ficar reduzidas ao mínimo, ao quanto basta para dar demonstrar como em nossa época a literatura se vem impregnada dessa antiga ambição de representar a multiplicidade das relações, em ato e potencialidade. A excessiva ambição de propósitos pode ser reprovadas em muitos campos da atividade humana, mas não na literatura. A literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmensurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realizações. Só se poetas e escritores se lançarem a empresas que ninguém mais ousaria em imaginar é que a literatura continuará a ter uma função. No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio para a literatura é o saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralista e multifacetada do mundo.(CALVINO:1990.p.127)

Para Calvino, a literatura tem que ir de encontro com a tendência da especificidade do conhecimento. As pessoas têm estreitado a área de atuação profissional, por exemplo, um médico ortopedista certamente não saberá diagnosticar uma doença ocular. No entanto, a literatura pluralista sobreviverá porque pois ela dará ao leitor a possibilidade de entrar em contato com várias áreas do conhecimento.

O conhecimento como multiplicidade é um fio que ata as obras maiores, tanto no que se vem chamando de modernismo quanto do que vem chamado de pós-modernismo, um fio que – para além de todos rótulos – gostara de ver desenrolar-se ao longo no próximo milênio. (CALVINO:1990)

Como exemplos de escritores que fazem de suas obras uma enciclopédia aberta, Calvino cita T. S. Eliot e James Joyce. Estes escritores usaram de várias

áreas do conhecimento em ciências exatas, humanas como componentes de uma única história como é o caso de *Ulysses*. “Joyce, que tem intenção de construir uma obra sistemática, enciclopédica e interpretável a vários níveis segundo a hermenêutica medieval (e elabora tábuas de correspondências entre os capítulos *do Ulysses* e as partes do corpo humano, as artes, as cores, outros símbolos.”(CALVINO:1990, p.131)

A multiplicidade na literatura pode encontrar-se em quatro situações, segundo propõe Calvino:

Há o texto unitário que se desenvolve como o discurso de uma única voz, mas que se revela interpretável a vários níveis (...). Há o texto múltiplo, que substitui a unicidade de um pensante pela multiplicidade de sujeitos, vozes, olhares sobre o mundo (...). Há a obra que no anseio de conter todo o possível, não consegue dar a si mesma uma forma de desenhar seus contornos, permanecendo inconclusa por vocação constitucional (...). Há a obra correspondente a literatura ao que em filosofia é o pensamento não sistêmico, que procede de aforismos, por relâmpagos punctiformes e descontínuos (...). (CALVINO:1990, p.132)

Para Calvino, cada escritor tem em si um mundo diferente, com experiências, informações, leitura de mundo e imaginações próprias. Por isso ele acredita que cada um de nós é uma enciclopédia, pois somos formados com a combinação de várias culturas, com os mais diversos conhecimentos.

6.1. Ler e saber:

Informar é o principal objetivo do jornalista comum a todo e qualquer veículo e especialidade. O conjunto de matéria de um jornal diário é uma enciclopédia nos moldes de Calvino, os conteúdos são relativos às diversas áreas conhecimento.

O jornalismo cultural mostra a pluralidade de formas de arte e particularidades de cada cultura. Nesta editoria, convergem os mais variados assuntos sobre arte e sua repercussão. Entre o assunto central das matérias selecionadas estão as bandas de rock alternativo, movimento armanial, fotografia, teatros, artistas, projetos de rock independente, programa de televisão, entre outros.

Na matéria Naiobe Quelem, “O mundo em Brasília”, 07/10/2006, a jornalista tem como tema central divulgar os eventos culturais promovidos pela Embaixada do

Japão. No enredo da matéria, ela fala sobre acordos políticos entre Brasil e Japão, sobre a imigração japonesa no Brasil, como a promoção cultural pode estreitar os laços diplomáticos.

Existe uma maneira de diplomática que ultrapassa os acordos políticos e econômicos e promove a compreensão da diversidade cultural de forma prazerosa. (...). No próximo dia 12, terá início aqui em Brasília, omês da cultura japonesa, que prosseguirá até novembro. "Em 2008, comemoraremos o centenário da imigração japonesa. Foi estabelecido um conselho Brasil-Japão para o século 21, responsável por elaborar ações para fortalecer a relação entre os dois países. As propostas foram apresentadas ao presidente Lula em agosto e uma das áreas de destaque é justamente a cultura. Entre as propostas estão o intercâmbio de jovens, promoção de eventos e difusão da língua japonesa, adianta Kobayashi. (Quelem:2006)

Na mesma matéria foi exposto o tema de política e teatro. A matéria, citada anteriormente (p. 20), "Vote em mim", foi publicada na véspera da eleição. O começo da matéria é dedicado a falar sobre as regras eleitorais e em seguida o grupo de teatro que tem por objetivo refletir as ligações entre arte e cultura.

7. CONCLUSÃO:

A previsão para a sobrevivência da literatura neste século se concretizou na narrativa do jornalismo cultural. Pôde-se perceber que os textos de jornalismo cultural estão permeados dos elementos que, segundo Calvino, dão significados a existência dos livros. Verificou-se que a composição dos textos do jornalismo cultural têm maior flexibilidade do que em outras editoria do hard-news, mesmo sendo limitada a obedecer aos critérios de noticiabilidade.

O tema de arte e cultura por si só é leve. A leveza da narrativa é um valor facilmente notado logo no primeiro contato visual, com a diagramação da página. O aspecto visual já não tem a densidade textual comum às editorias de *hard-news*. A falta de peso se revela em cada frase onde foi escolhido um adjetivo que dá liberdade à sensibilidade perceptiva do escritor. A rapidez no jornalismo cultural está nas frases curtas, com condesação de várias idéias em um pequeno espaço. No entanto o lide perde a importância de topo da pirâmide invertida, as respostas para as seis perguntas crucias encontram se espalhadas pelos primeiros parágrafos do texto.

A exatidão no relato da informação é um dos critérios que mais mostra a qualidade do trabalho de um jornalista. A precisão não se restringe aos dados, inclui o uso de palavras e expressões que traduzem com veracidade o fato a ser relatado. A visibilidade está em escrever riqueza de detalhes e uso de palavras que remeta ao leitor o uso da imaginação. Observou-se que a contextualização dos fatos foi uma dos elementos dos textos do jornalismo cultural responsáveis por resgatar a memória dos leitores. Os assuntos de jornalismo cultural cultura mostram a pluralidade de arte e cultura que fazem parte do nosso cotidiano. Apesar de ter como tema central a cultura, nas reportagens analisadas constaram outros conhecimentos nos quais a arte tem interferência .

A prática do jornalismo cultural revela uma realidade, na qual os textos se constroem de maneira sutilmente diferenciados, o que mostra que a técnica jornalística atual possui vários ângulos. Este é um assunto que merece ser estudado na área, pois a falta de referência bibliografias pode dar impressão não existe diferenciação entre as especialidades do jornalismo. Nem mesmo os manuais de redação dos principais jornais do país mostram a diferença de cada editoria, pelo contrário, sugerem a homogeneização de textos em todo jornal.

As propostas de Calvino são se restringe à literatura, mas para a vida de um modo geral: ter atitudes leves, viver com leveza, ter agilidade de raciocínio, ser exato, correto, ter conhecimento do mundo, etc. O livro carrega uma margem grande

de significados e conhecimentos que pode ser levado para vários caminhos de estudos. O livro é uma enciclopédia, uma metalinguagem da multiplicidade da qual o Calvino propõe.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página** – 2 ed. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1978.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto** – São Paulo: Perspectiva, 1987.

BITONE, Dulcília: **Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura**. In: Outras leituras – Literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagens interagentes. Org. Maria Helena Martins – São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

CALLADO, Ana Arruda. **O texto em veículos impressos**. In Burnett, Lago. A linguagem em (e não de) jornal. In: Cadernos de Jornalismo, ano II, n 6, 1967.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o novo milênio: lições americanas**; tradução Ivo Barroso – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAPHIEVE, Arthur. **Jornalismo Cultural**. In: Deu no Jornal: o jornalismo impresso na era da internet. Álvaro Caldas (org) – São Paulo: Loyola, 2002.

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita: na cultura européia** – 2 ed., São Paulo: Edusc, 2002 .

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação** – 3 ed. Rio de Jeneiro: Gama Filho, 2002.

MARTINS, Maria Helena (org.) – **Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura e linguagens interagentes** – São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário** – São Paulo: Contexto, 2002.

PEDROSO, Rosa Nívea. **Elementos para compreender o jornalismo informativo**. In: www.salaprensa.org.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural** – São Paulo: Contexto, 2003.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena – **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística** – São Paulo: Summus, 1986.

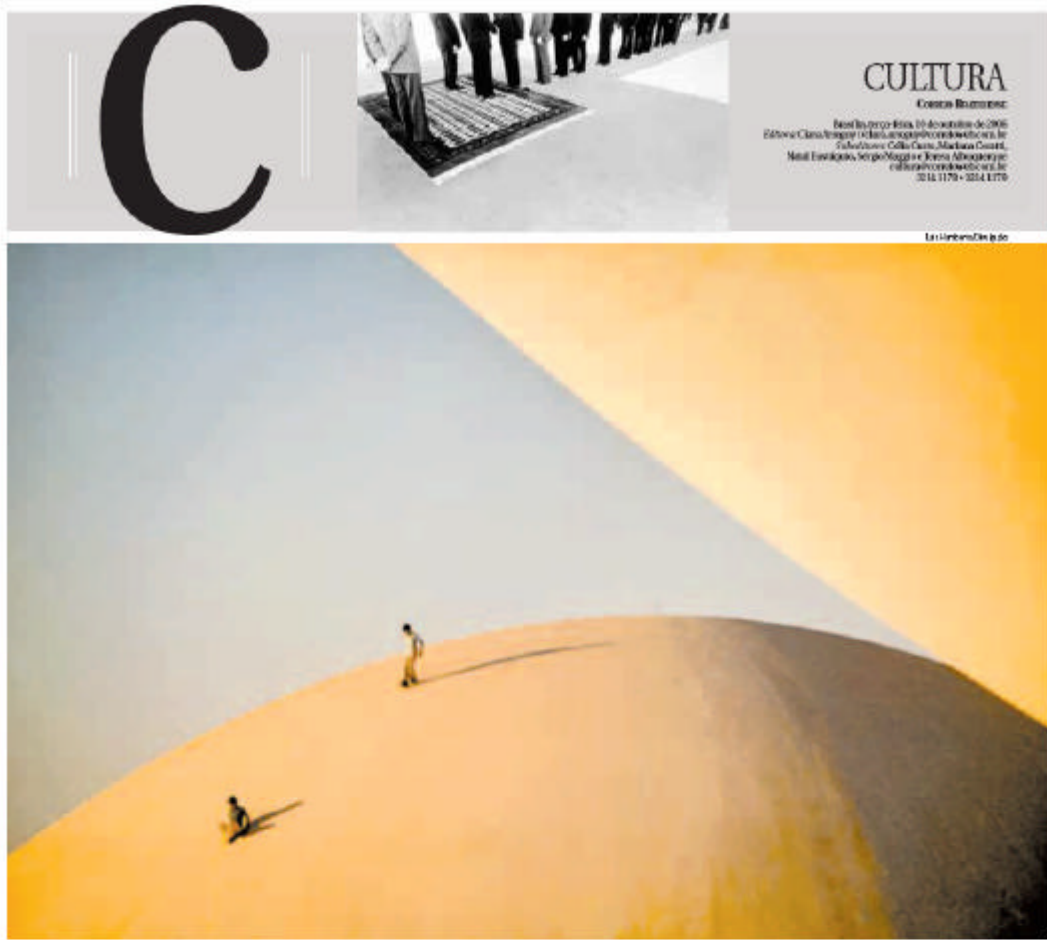
RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura: experiência cultural na era da informação** – Lisboa: Presença, 1994.

ROLLEMBERG, Marcelo. **Papel-Jornal: artigos de jornalismo cultural** – São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **A percepção: uma teoria semiótica** – São Paulo: Experimento, 1998, 2. ed.

SQUARISI, Dad, SALVADOR, Arlete - **A arte de escrever bem: uma guia para jornalistas e profissionais do texto** – São Paulo: Contexto, 2004.

ZAPPA, Regina. **Jornalismo cultural e auto-estima**. In: www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/portugues/interpoesia/zappa.html



NA TRILHA DO OLHAR

RADICADO EM BRASÍLIA DESDE 1962, O FOTÓGRAFO LUIS HUMBERTO GARHA RETROSPECTIVA DE SEU TRABALHO EM MÓDULOS QUE CONTEMPLAM DO JORNALISMO AO COTIDIANO

LUIS HUMBERTO GARHA

Foto: Luis Humberto Garha. A imagem mostra uma paisagem desértica com duas pequenas figuras humanas no horizonte, sob um céu claro. A fotografia é parte de uma exposição retrospectiva do fotógrafo brasileiro Luis Humberto Garha, que trabalha em Brasília desde 1962. O trabalho dele é dividido em módulos que abordam desde o jornalismo até o cotidiano.



EM BRASÍLIA, LUIS HUMBERTO GARHA REGISTRA AS PAISAGENS DE SEUS COTIDIANOS

A FAMÍLIA

Luis Humberto Garha nasceu em 1936, em Brasília, e cresceu na cidade. Ele é filho de um engenheiro e de uma professora. Ele tem dois filhos e uma filha. Ele trabalha como fotógrafo desde 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano.

Ele começou a trabalhar como fotógrafo em 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano. Ele trabalha como fotógrafo desde 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano.

A POLÍTICA

Ele começou a trabalhar como fotógrafo em 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano. Ele trabalha como fotógrafo desde 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano.

Ele começou a trabalhar como fotógrafo em 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano. Ele trabalha como fotógrafo desde 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano.

A NATUREZA E A INTIMIDADE

Ele começou a trabalhar como fotógrafo em 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano. Ele trabalha como fotógrafo desde 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano.

Ele começou a trabalhar como fotógrafo em 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano. Ele trabalha como fotógrafo desde 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano.

Ele começou a trabalhar como fotógrafo em 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano. Ele trabalha como fotógrafo desde 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano.

LUIS HUMBERTO GARHA

Ele começou a trabalhar como fotógrafo em 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano. Ele trabalha como fotógrafo desde 1962, quando se mudou para Brasília. Ele é conhecido por suas fotografias de paisagens e de pessoas no cotidiano.

[illegible]

